

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que trazemos ao leitor este novo número de *Sociologia & Antropologia* dando continuidade à nova periodicidade quadrimestral e à publicação de artigos não só em português como em inglês.

O número se inicia com o artigo “Donald Pierson e as ciências sociais no Rio de Janeiro (1942-1949): ‘For the establishment of the social disciplines as sciences’”, de Marcos Chor Maio e Thiago da Costa Lopes. Nele, analisam-se as precursoras concepções de sociologia de Pierson que marcaram as trajetórias de Luiz Costa Pinto e Alberto Guerreiro Ramos. Os autores demonstram como os ideais de cientificidade propostos por Pierson foram reinterpretados por Pinto e Ramos e conjugados, não sem tensões e ambivalências, à defesa da ação prático-política na vida social.

“International development cooperation: debating religious and humanitarian approaches in Norway”, de Maria Macedo Barroso, examina o significado da presença de perspectivas religiosas e humanitárias no universo da cooperação internacional. A cuidadosa análise da cooperação norueguesa junto aos povos indígenas ilumina diferenças entre as correntes cristãs missionárias e filantrópicas, bem como sua contribuição para a afirmação dos valores nacionais noruegueses. Os processos atuais da construção de mecanismos de gestão de territórios e populações são examinados, sugerindo novos caminhos de pesquisa.

Os artigos de Fernando Rabossi, “Tempo e movimento em um mercado de fronteira: Ciudad del Este, Paraguai”, e de Silvina Smietniansky, “Tempo, oralidade e escrita: a sociedade hispano-colonial através do estudo de um procedimento judicial”, abordam em perspectiva diversa o tema da temporalidade. Rabossi associa-o à discussão da espacialidade por meio da análise do cotidiano comercial de Ciudad del Este. A vívida descrição etnográfica do ir e vir de múltiplos atores ao longo de um dia ilumina as configurações temporais e espaciais da peculiar complexidade dos mercados de fronteira. Smietniansky, por sua vez, analisa um processo de *juicio de residencia* dirigido a um gover-

nador da província de Tucumán em 1763-1764. A sensível indagação sobre a articulação entre a oralidade e a escrita concretizada no documento revela as perspectivas de tempo vigentes nos territórios austrais e periféricos do império espanhol na América.

“A agência dos mortos santificados nos cemitérios urbanos da Colômbia: o ritual, o narrado e o escrito”, de Anne-Marie Losonczy, traz a pungente análise de práticas devocionais fúnebres que, realizadas por indivíduos ou famílias contínua e intensamente nos últimos cinquenta anos, transformam certos tipos de mortos, anônimos ou famosos, em personagens santificados dotados de agência contra o infortúnio. Na interpretação sugerida, tal ritualização da experiência contínua da morte violenta configura uma contra-memória popular que se evade, entretanto, das condições sócio-históricas da violência armada.

“Autogestão e crise econômica na revolução portuguesa (1974-1975)”, de Raquel Varela, António Simões do Paço, Joana Alcântara e Pedro Almeida Ferreira, enfoca as experiências de autogestão em Portugal, iluminando sua relação direta com a crise econômica mundial de então.

“Outsider art: from the margins to the center?”, de Vera Zolberg lança luz sobre o percurso histórico que ampliou e pulverizou os critérios de classificação e apreciação no mundo artístico outrora restrito às belas artes. Já Miqueli Michetti, em “Por que a ‘moda brasileira’ quer ser global? Desigualdade das trocas simbólicas mundiais e *ethos* dos atores da moda nacional”, busca compreender os empréstimos desiguais de legitimidade entre os atores da moda brasileira e as agências da moda historicamente consagrada.

Com questões e perspectivas diversas, os artigos de João Maia, “Os sentidos da tradição: um estudo de caso no pensamento social brasileiro”, e de Antonio Brasil Jr., “As ideias como forças sociais: sobre uma agenda de pesquisa”, abordam a obra da socióloga Elide Rugai Bastos, privilegiando o lugar atribuído pela autora a Gilberto Freyre e a Florestan Fernandes no processo de sistematização das ciências sociais no Brasil.

A seção Registros de pesquisa traz original reflexão de Heitor Frúgoli Jr., “A cidade sob enfoque antropológico: as obras de Ruth Finnegan sobre Milton Keynes”, inspirada na leitura de dois livros da antropóloga britânica dedicados à cidade de Milton Keynes. À análise dessas obras segue-se a narrativa de breve visita à cidade para a qual confluíram interações que dão nova densidade investigativa às relações existentes entre as duas obras da autora.

Marco Antônio Gonçalves seleciona em sua resenha sequências de cenas e imagens do documentário *Domésticas*, de Gabriel Mascaro. Através de seus comentários visualizamos gestos, expressões, contextos e atitudes, e acompanhamos a potente desconstrução empreendida pelo filme dos muitos significados das relações entre patrões e domésticas na sociedade brasileira contemporânea.